



Guber R. La etnografía, método, campo y reflexividad. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores; 2011.

Pamela Siegel^(a)
Nelson Filice de Barros^(b)

Vale a pena escrever um livro sobre o trabalho etnográfico – uma metodologia artesanal – em plena era da informática? Essa é a provocação que a autora do livro, Rosana Guber, doutora em Antropologia Social, pesquisadora do *Instituto de Desarrollo Económico y Social* (IDES) e professora de métodos etnográficos em pós-graduação na Universidade Nacional de San Martín, Argentina, lança ao leitor.

O livro, que, na realidade, é a 2ª edição, uma versão atualizada da primeira edição do livro publicado pela Editorial Norma de Colombia, em 2001, está dividido em sete capítulos, nos quais a autora conduz o leitor através de uma breve história do trabalho de campo etnográfico, passando por temas como: o trabalho de campo, a observação participante, a entrevista etnográfica, as questões de registro, o papel do investigador no campo e o método etnográfico no texto. Em outras palavras, ela prepara, capacita e estimula o leitor a percorrer a trajetória da pesquisa etnográfica desde a coleta de dados até a elaboração do produto textual.

O objetivo da autora é mostrar que a etnografia abarca uma tríplice acepção de enfoque, método e texto. O enfoque busca compreender os fenômenos sociais a partir das perspectivas dos atores; no seu nível

primário, trata daquilo que ocorreu (o quê); no secundário, a explicação lida com o porquê, enquanto, no nível terciário, a descrição trata daquilo que ocorreu a partir da perspectiva dos agentes (como eles percebem a experiência). A etnografia como método abrange todas as técnicas do trabalho de campo, a coleta de dados através de questionários, técnicas não direcionadas, como observação participante, entrevistas não dirigidas e a residência prolongada com os sujeitos do estudo. Essas atividades são empregadas como evidência para a descrição. A terceira acepção do termo etnografia, a descrição textual, comporta a representação, interpretação ou tradução de uma cultura ou de determinados aspectos dela para leitores não familiarizados com a mesma. Dessa maneira, os dados coletados dialogam com a teoria e o campo, constituindo o fio condutor do texto.

Assim como Gilberto Velho, que quis estudar a própria sociedade, numa época em que as pesquisas sobre drogas, sexo e a atenção ao trânsito social entre brasileiros eram esparsas¹, a autora envereda pelos trabalhos de campo com imigrantes judeus em Buenos Aires, residentes de favelas nas periferias da cidade e protagonistas do conflito anglo-argentino pela posse das

^(a,b) Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde, Departamento de Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Rua Tessália Vieira de Camargo, 126, Cidade Universitária. Campinas, SP, Brasil. 13083-887. gfusc@mpc.com.br; nelfel@uol.com.br

Ilhas Malvinas. Ela situa-se, portanto, na vertente da antropologia urbana, mais especificamente, lida com conflitos de ocupação territorial.

A autora revisita o que chama de heróis culturais, como Franz Boas, Bronislav Malinowski, Radcliffe-Brown, Margaret Mead, e dedica um subcapítulo à etnografia antropológica e sociológica dos Estados Unidos, com referências à Universidade de Chicago, situando autores, como Robert E. Park, W.I. Thomas, Robert Redfield, Julien Pitt-Rivers, Egon Vogt e Oscar Lewis, na linha do tempo.

No segundo capítulo, intitulado “El trabajo de campo: un marco reflexivo para la interpretación de las técnicas”, a autora discute os paradigmas dominantes da investigação social, o positivismo e o naturalismo. Enquanto, no primeiro, o investigador-observador procura estabelecer leis universais para explicar fatos específicos, o naturalismo propõe a fusão do investigador com os sujeitos do estudo. Depois, a autora introduz o conceito de reflexividade, relação íntima entre a compreensão e a expressão de dita compreensão, citando Pierre Bourdieu quando ele reflete sobre a pretensa autonomia da figura do teórico e intelectual. Conclui a autora que o desafio no trabalho de campo é transitar da reflexividade própria à dos nativos, daí que grande ênfase é dada à importância do exercício da reflexividade constante por parte do investigador, ao longo de todo o trabalho etnográfico.

Com relação ao personagem do observador participante, a autora o compara com um espectador de uma obra de teatro que faz anotações, e usa um trocadilho: participar para observar e observar para participar. Ela discute os limites da participação, que pode introduzir obstáculos à objetividade e colocar em perigo o trabalho de campo devido à aproximação excessiva com os informantes.

No capítulo em que abrange a entrevista etnográfica, a autora procura convencer o leitor de que a entrevista cabe no marco interpretativo da observação participante, já que seu valor não reside nas informações sobre as coisas, mas sim, no seu caráter performático. Sugere, inclusive, que o não- direcionamento da entrevista se fundamenta na convicção de que não participar com um questionário ou pergunta preestabelecida favorece a expressão de temas, termos e conceitos mais espontâneos e significativos para o entrevistado.

Segundo a autora, o registro é um meio pelo qual se reproduz o campo em forma de anotações, imagens e sons. Daí a importância de apontar as anotações a partir de uma reflexão sobre a experiência de haver “estado ali”, e identificar aquelas que levam o pesquisador a considerar certas questões e descartar outras, pois o registro é a materialização da sua própria perspectiva sobre uma determinada realidade. A autora chega a criar o acrônimo PATE: pessoas – atividades – tempo – espaço, para sintetizar o que deve ser observado e escutado no campo de trabalho.

O papel do pesquisador social que, como mediador entre diferentes grupos sociais e culturas, depara com os dilemas dessa mediação, é o tema discutido no sexto capítulo do livro. E a autora denuncia o fato de a lógica acadêmica deixar a paixão, os instintos corporais e a fé de lado, valendo-se da razão como o principal veículo e mecanismo elaborador de conhecimento. Nesta perspectiva, a emoção seria o antimétodo. Contudo, foram as etnógrafas que começaram a questionar o papel do pesquisador como ocidental, individual, adulto, racional, moralmente responsável e masculino. O valor dual da mulher, perigosa e vulnerável, suscitaria reações duais no campo, mas seria mais tolerada no caso de transgredir os limites permitidos.

No último capítulo sobre a etnografia como texto, a autora desvenda a lógica interna da etnografia e faz a distinção entre as etnografias realistas e as experimentais. A primeira abordagem se baseia na ilusão empiricista de que a natureza não mediada dos dados obtidos no campo através do ocultamento da presença do autor no texto e do investigador no campo suprime a perspectiva do indivíduo proveniente de uma cultura a favor de um ponto de vista nativo. A segunda advoga a favor da exposição da voz do autor como uma a mais no diálogo com as dos nativos. Desde a década de 1960, as experiências autobiográficas de campo se impuseram como um gênero próprio. Nos anos 1980, começaram a aparecer as autobiografias reflexivas de campo, e o fato de que tanto os sujeitos como os investigadores podem ser coautores fez os antropólogos perderem o status de sujeitos privilegiados e conhecedores. Atualmente, os nativos leem aquilo que se escreve sobre eles e, muitas vezes, questionam as conclusões autorizadas de doutos etnógrafos. A razão para

seguir fazendo etnografia, conclui a autora, respondendo à pergunta inicial do texto, seria submeter nossas elucubrações *epistemo-etno-cêntricas* ao diálogo com as histórias e vidas dos nativos de qualquer ponto do planeta.

Salpicado de experiências pessoais e profissionais da autora, o livro é muito útil para aprofundar os conhecimentos sobre pesquisa e metodologia em ciências sociais. Cuidadosa na escolha das palavras e com grande capacidade de condensar informações úteis num texto relativamente curto, a autora esbanja conhecimentos de um amplo leque e utiliza uma boa didática para ir encadeando os temas. Consideramos o livro um importante complemento ao texto de Minayo, Deslandes e Gomes², porquanto este último estabelece as bases para a pesquisa social, apresentando um conteúdo sintético e com um fio condutor baseado nas etapas e nos procedimentos. Ainda que Minayo, Deslandes e Gomes mencionem que o pesquisador deva ser um curioso, capaz de

confrontar suas teorias com a realidade empírica, não atribuem tanta ênfase especificamente ao marco reflexivo, tal como Guber o faz, ao longo de todo o processo.

Na perspectiva do campo da saúde, o livro é importante como referência para pesquisadores que quiserem incorporar a etnografia em pesquisa nessa área, sempre e quando levarem em consideração os dilemas teórico-metodológicos de lidar com as questões da saúde, quais sejam: os determinantes sociais, o sofrimento, a dor, a doença, o tratamento, a exclusão, a ruptura biográfica e a perda do self, típicas das doenças crônicas, a cura e a morte.

Referências

1. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O quanto os jovens devem a Velho. Rev Pesqu Fapesp. 2012; (195):59.
2. Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R. Pesquisa social, teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes; 2007.

Recebido em 24/06/13. Aprovado em 09/10/13.